

MURAL DE BAIRROS: AÇÃO PEDAGÓGICA, COMUNITÁRIA E SOCIAL

Marcone de Oliveira Maffezzolli*
Maria Cristina Pavarini de Lima**
Isabel Cristine Machado de Carvalho***

RESUMO: *O projeto de jornal-laboratório Mural de Bairros, implantado pelo curso de Jornalismo da Universidade Potiguar em 2001, completa neste mês de junho quatro anos de circulação. É destinado a cinco localidades carentes de Natal/RN e, do ponto de vista pedagógico, busca diminuir a distância entre o saber teórico e prático, privilegiando situações reais do cotidiano jornalístico, instrumentalizando o estudante para o domínio técnico da profissão e para o desenvolvimento de uma consciência ética voltada para as responsabilidades éticas e sociais da imprensa. Permite aos alunos serem atores de seu próprio processo de aprendizado e se integrarem ao espaço onde ele vai atuar com poder crítico e político além de ser para a comunidade uma alternativa diferenciada de veículo de comunicação.*

Palavras-chave: Jornal-laboratório; Jornalismo comunitário; Ação social.

INTRODUÇÃO

As recentes tecnologias desenharam novos espaços, revolucionaram o mundo das mensagens. O trânsito do capital, de mercadorias e de informações ignoram os obstáculos do tempo e das fronteiras: é a Globalização ou Mundialização com seu cortejo de esperanças e medos¹. Agora, uma avalanche de dados pode ser transmitida à velocidade da luz de um canto a outro do planeta. Ficou também mais fácil armazenar essas informações: um pequeno disco de plástico pode guardar mais conhecimentos que centenas de quilos de papel. Nos dizeres do filósofo francês, Michel Serres², viveremos uma nova Renascença semelhante àquela de Erasme, Rabelais e Montaigne.

Contudo, a esse apogeu tecnológico voltado para a difusão de dados corresponde uma contradição e um dilema do nosso tempo. A época da superabundância de informação, da sua transmissão a qualquer parte do mundo em tempo real, é também a época da desinformação e das exclusões.

* Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo DECOM/UFRN, Especialista em Ética pelo DEPFIL/UFRN, aluno especial do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN, professor na graduação de Jornalismo da Universidade Potiguar.

** Graduada em Jornalismo e Publicidade de Propaganda pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora na graduação de Jornalismo da Universidade Potiguar.

*** Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, professora na graduação de Jornalismo da Universidade Potiguar.

¹ Os entusiasmos e as desconfianças que vêm com as redes eletrônicas de comunicação foram tratadas no *Colloque Journalime online: un nouveau métier?* (Lille, 1997), sob o título *Information et réseaux: à nouvelles technologies, vieilles techniques*, publicado em *Les cahiers du Journalisme* n. 4, divulgado pela internet. Outras questões afins são discutidas periodicamente pelo Groupe d'Études sur la Vulgarisation de l'Information, Lyon, e também são passíveis de serem acessadas on line pelo endereço www.univ-lyon1.fr/spr/GEV.

² Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em 06 de dezembro 1999.

Para Desmond (1949, p. 11), a apreciação que os homens fazem de sua época é construída a partir das informações que lhes chegam pelos mais variados meios. Se os conceitos de um indivíduo servem para condicionar sua ação em determinada circunstância, são as opiniões individuais, tomadas em seu conjunto, que servirão para formar a opinião pública e guiar as ações sociais para a ação política. E essas opiniões serão tão ou menos substanciais para o desenvolvimento de processos de transformações, evoluções sociais e do espírito humano, quanto forem suficientes as informações em termos de quantidade e qualidade desde que possam ser acessadas para suprir-lhe o desejo ou a necessidade de saber.

Hoje a maior parte das informações que chega diariamente à população, sobretudo àquela de baixa renda e escolaridade, vem através de meios eletrônicos, notadamente o rádio e a televisão. Já os meios impressos contribuem apenas com uma parcela menor em quantidade, embora exerçam significativa influência sobre vastos setores sociais, políticos e midiáticos. O analfabetismo, o parco hábito de leitura e o custo para adquirir o veículo impresso intensificam esse desnível, excluindo grande parcela da população dessa fonte de informação, limitados a receptores passivos de programas televisivos embalados pelos índices de audiência, alheios à realidade e aos dramas de quem assiste, muitas vezes em detrimento do que é de interesse do público. Nesse caminho, acentua-se a distância entre aqueles que têm acesso às fontes de informação, portanto sabem, e o povo ignorante, fadado a não saber. “Tal cenário provoca uma regressão da democracia, na medida em que as questões políticas se tornam cada vez mais técnicas, monopolizadas pelos ‘experts’³.”

Assim, a competência e sobretudo a conduta daqueles que trabalham, seja no meio impresso ou eletrônico, revestem-se de importância para todos, à medida que se vai fazendo mais complexa a vida na sociedade urbanizada, caracterizada pela irrupção das multidões nas cidades, com problemas cada vez mais globais, multidimensionais e inter-relacionados, e as informações passam a interferir na vida de um número cada vez maior de pessoas, conforme observou Medina (1998, p. 15 e 41).

O papel que haverão de representar os futuros jornalistas nessa sociedade é da maior importância, nesse contexto em que o conhecimento é tão fundamental para a promoção e para o exercício da cidadania e, por extensão, para a elevação da condição da humana. Repórteres, editores, diretores, fotógrafos, qualquer que seja a função na imprensa, as repercussões desse trabalho chegará a todos, uma vez que, como destacou Desmond (1949, p. 6): “*la prensa es, em nuestros días, uno de los médios más poderosamente eficaces para orientar el pensamiento de los hombres hacia la paz o hacia la guerra*”. Até o comodismo social ou até a luta contínua por direitos que resultem em melhoria da qualidade de vida e dignidade para o cidadão.

Maus jornalistas produzem más informações no que diz respeito à inexatidão, parcialidade e deficiência na codificação de mensagens para o público e principalmente com relação à escolha dos temas que na mídia vão compor as agendas de discussão nacional, local e comunitária. Elementos susceptíveis de orientar equivocadamente o cidadão, desviando sua atenção de seus reais problemas, ou falsear o juízo da opinião pública. Entenda-se maus jornalistas, não como um julgamento moral, mas da formação que receberam, tenha sido no “batente”, ou nas escolas de Jornalismo.

Se entendemos que compete ao jornalista atuar socialmente, interpretando o desejo público; esclarecer a comunidade para que ela reivindique as melhorias necessárias à elevação de sua condição de vida e instrumentalizá-la para a participação social e política; evitar o emprego abusivo dos meios que existem hoje para influir sobre as idéias, as opiniões e o modo

³ Essa clivagem que separa os que detêm o conhecimento científico, compartimentado, segmentado, foi tratado por Edgar Morin num discurso que fez na UFRN, na noite de 7 de junho 1999, quando recebeu dessa instituição o título de Doutor *Honoris Causa*.

de viver do homem moderno; ser uma garantia contra a pobreza de pensamento e todas as formas de fanatismo e dominação, entre outras atribuições, então a sociedade vai naturalmente exigir desse profissional conhecimentos técnicos, humanísticos e a consciência voltada para as questões de cidadania, e, por extensão, cobrar de suas instituições de origem uma formação que contemple essa tríade.⁴

É evidente que melhorar a qualidade das informações apresentadas às massas é um desafio em prol da Democracia e um fator de notada importância para essa melhoria, talvez esteja numa formação mais integralizante de saberes para o jornalista.

DA TEORIA À PRÁTICA

Articular teoria e prática é um problema sempre atual para aqueles que lidam com o conhecimento, não obstante usar a síntese dessa dicotomia no desenvolvimento de ações sociais seja o grande desafio para o jornalista de hoje. Se para o filósofo alemão do século XVIII, Emmanuel Kant, a razão prática possui primazia sobre a razão teórica, para o filósofo contemporâneo, o francês Edgar Morin, a separação das duas engendra uma crise de paradigmas, uma fragmentação dos saberes e, nessa separação e fragmentação, a disjunção sujeito humano/mundo, natureza e cultura⁵. É essa razão isolada, quebrada, cartesiana, a geradora de uma educação fragmentada, baseada em disciplinas isoladas em que as informações, o conteúdo, os conceitos, as lições se “arranjam” (ou se acomodam, como é natural das coisas) sem se integrarem, sem se completarem, ou melhor, sem se intercomunicarem. Para os profissionais do jornalismo, isso determinará igualmente a reprodução de pensamentos e ações de natureza também mutilante, portanto incompatível com o perfil de um jornalista que se queira consciente de seu tempo e de seu espaço, capaz de ligar fatos a contextos e vice-versa, sendo agente de transformações e fomentador de mudanças sócio-culturais.

Mas como superar essas e outras fraturas se, ao longo da história, verificamos que as tentativas de equacionar a principal cilvagem na formação do jornalista - teoria/prática - estiveram longe de homogeneizá-la numa ação pedagógica consistente e durável?

Desde a inclusão do curso de Jornalismo no sistema superior de ensino do Brasil⁶, em 43, passando pela regulamentação da profissão em 69 e pelo fim do estágio em 78 e, mesmo até hoje, a dicotomia entre educação teórica e treinamento prático gerou e tem gerado um fluxo e refluxo cada vez mais difícil de equacionar e que tem composto uma dialética própria ao ensino e à história do Jornalismo no País. No início, cursos eminentemente teóricos, ligados a faculdades de Filosofia tal qual notou Lopes (1989, p. 31); com o fim do estágio, cobravam-se atividades práticas nas universidades, mas esbarrava-se na falta ou no sucateamento dos laboratórios e, então, voltávamos à teoria.

Mesmo o contexto mundial influenciou-nos quando desenharam no mundo uma espécie de geopolítica da Comunicação, colocando frente a frente os Estados Unidos e a Europa. Esses dois centros de influência se alternaram durante todo o século XX na irradiação de trabalhos, métodos, conceitos e orientações quase sempre opostos entre si, ligados à formação e à profissão jornalística, em função da força hegemônica que possuíam em dados momentos da história e

⁴ Depois de uma enquete realizada em 17 países, a Comisión para Estudio de las Necesidades Técnicas de la Prensa, el Cine y la Radio⁴ elencou três exigências para a preparação profissional do jornalista: uma sólida base de cultura geral; compreensão exata e completa das responsabilidades do jornalista e conhecimento fundamental dos métodos e técnicas do Jornalismo. DESMOND, Robert W. Op. Cit., p. 12.

⁵Cf. nota 3.

⁶ Foi o Decreto-lei 5.480, de 13 de maio de 1943, do governo Getúlio Vargas, que incluiu de fato o curso de Jornalismo no sistema de ensino superior pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

reforçando a idéia de um divórcio conceitual da atividade, oscilando do humanismo clássico europeu ao pragmatismo tecnicista americano⁷.

O Brasil, ora estava ligado ao primeiro, ora ao segundo. Em dado momento, aceitava o modelo da formação generalista, e esbarrava nas exigências do mercado que queria profissionais práticos; em outro, admitia as mudanças nos sistemas de comunicação do país, com crescente oferta de empregos na área e dava ênfase ao treinamento *pro labor*, mas estacionava na precariedade ou ausência de instalações laboratoriais nas universidades, de acordo com Lopes (1989, p.15).

A existência desse dois pólos estimulou, em outros países e no Brasil, a adoção de modelos *prêt-à-porter* de educação nos cursos de Jornalismo, que passam a se mover dentro de uma lógica binária de aceitação e recusa, determinada pelo momento e por interesses políticos e econômicos nacionais. Levando muito mais em consideração as conveniências e facilidades circunstanciais do que pesquisas sobre as condições, particularidades e necessidades do ensino de Jornalismo no Brasil, essas soluções terminaram por acentuar as disjunções teoria/prática, humanismo/pragmatismo, generalismo/tecnicismo, entre outras que não encontravam saída definitiva no sistema pedagógico das escolas de Comunicação.

EXERCÍCIO EFETIVO

Para a formação do jornalista, a necessidade de atividades práticas que privilegiem situações reais do dia-a-dia, é indiscutível para uma educação estimuladora da integração de conhecimentos técnicos, humanísticos e das noções sobre responsabilidades da imprensa. É confrontando o saber adquirido em sala de aula, com os imponderáveis e a praxe do mercado e com as necessidades públicas que o aluno pode transformar o saber no saber-fazer, com responsabilidade social e compromisso ético.

As simulações de circunstâncias em laboratórios são suficientes para apresentar o aluno aos procedimentos-padrão e familiarizá-lo com os dilemas típicos do *métier* jornalístico. Mas somente diante de situações reais (público-alvo, concorrência de mercado, pressão das fontes de informação, limitação de tempo e espaço para produção de material jornalístico, restrições editoriais e compromissos ideológicos, limitação de recursos materiais, questões éticas e morais, cansaço e outras condições adversas de trabalho) é que esse aluno pode experimentar os sabores e dissabores da profissão e aprender a reagir, muitas vezes dentro de condições limite, a situações para as quais nem sempre há resposta pronta, ou seja, ele precisará desenvolver competências.

Vale aqui destacar tratar-se de uma questão ética fundamental quanto à metodologia adotada: ou a disciplina técnica habilita, através de uma prática o mais próximo possível do dia-a-dia comum e inegável à atividade profissional, ou ela não cumpre plenamente com o seu papel. Em outras palavras, quando dentro de sala de aula ou laboratórios trabalhamos apenas em condições ideais, melhor dizendo, idealizadas, colocando todos esses fatores citados acima, está-se fornecendo ao aluno uma formação capenga e em descompasso com a realidade.

Consciente destes aspectos, o curso de Jornalismo da UnP implantou, em junho de 2001, o projeto Mural de Bairros: uma atividade jornalística laboratorial contínua, curricular, envolvendo alunos regulares e que tem como característica o desenvolvimento de um produto jornalístico impresso de abrangência local, ação comunitária e social, com a função de treinamento para a futura prática profissional em jornalismo. Quer-se assim fugir de um modelo de ensino marcado por uma herança tecnicista e idealizada da atividade e do profissional. Esse

⁷ DESMOND, Robert W. Op. Cit.

desafio, difícil de superar em uma aula, é colocado diante do aluno de Jornalismo na edição de um jornal-laboratório para que ele, sob a orientação de professores, possa desenvolver ao máximo seu potencial criativo e profissional e saia da universidade instrumentalizado para corresponder às expectativas de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente e de uma sociedade, sobretudo as comunidades carentes, cada vez mais necessitadas de informações comprometidas com o interesse público.

Reforçamos a idéia de não bastar a prática laboratorial abstrata, como se tem tradicionalmente feito, em condições ideais, sem as interferências reais em que se efetua o trabalho jornalístico, sob pena de só se reproduzir facilmente os mitos teóricos, os conceitos caducos e não preparar o aluno para a reflexão consubstanciada sobre as responsabilidades de sua atividade, tampouco executar trabalhos de qualidade em tempo hábil e para um público real. Busca-se com o jornal-laboratório Mural de Bairros, destinado a moradores de cinco bairros carentes de Natal, previamente definidos em articulação com a disciplina Realidade Sócio-econômica e Política Brasileira; conduzir o aluno à articulação dos vários saberes adquiridos em disciplinas técnicas e teóricas e acumuladas no rol de suas experiências pessoais, fazendo ele mesmo a interdisciplinaridade necessária para estruturar a sua compreensão a respeito dos fatos e fenômenos que o rodeiam e do instrumental material e de idéias que possui para interagir com os mesmos, buscando resultados com conhecimento de causa e efeito e conscientes das repercussões éticas e morais de seu trabalho.

O jornal “Mural de Bairros”, com uma tiragem estimada de 250 exemplares, sendo 50 afixados em pontos estratégicos em cada um dos bairros, nasce para atender à necessidade da prática jornalística real que envolve verdade, precisão, efeitos de informação, respeito aos leitores e às fontes, a partir do segundo ano do curso. Ao mesmo tempo, visa entrelaçar o conteúdo teórico ministrado em sala de aula com as técnicas do fazer jornalístico impresso por meio de ações e discussões, com benefício imediato dos alunos que vêem nele a oportunidade de afinarem com as exigências práticas da profissão e para as comunidades envolvidas, que passa a ter mais uma opção de veículo de informação ao qual tem maior possibilidade de acesso e interferência.

Considerado como projeto laboratorial, o jornal “Mural de Bairros” busca proporcionar ao aluno, a partir do segundo ano de Jornalismo, a prática do conteúdo teórico do programa das disciplinas Jornal Mural Impresso dentro de três preceitos fundamentais: pedagógico, comunitário e social.

OBJETIVOS

No campo **pedagógico**, visa articular a teoria e a prática dentro de um efetivo fazer jornalístico, que envolve questões éticas, técnicas e estéticas; criar um espaço próprio no qual o professor tenha a oportunidade de preparar os alunos para as fases posteriores do curso no domínio da informação, portanto futuros profissionais conscientes para oferecerem respostas adequadas aos desafios do mercado de trabalho potiguar.

O jornal “Mural de Bairros” permite ao aluno assumir papel ativo em seu processo de aprendizado, à medida que ele se confronta com a realidade e essa, paralelamente, o condiciona para a busca de algumas soluções, passíveis de serem discutidas, sob a orientação dos professores, tendo em vista possíveis repercussões no campo da ética profissional. Ao mesmo tempo, apresenta ao aluno o contato com o dia-a-dia de uma redação, notadamente: limitação de tempo de captação das informações e produção do texto e de espaço para a sua publicação, visando atender à periodicidade do veículo.

Dentro do preceito **comunitário**, o jornal “Mural de Bairros” assume papel preponderante à medida que se transforma em um mecanismo de comunicação para as reivindicações dos moradores dos bairros escolhidos, no que se refere às ações e omissões do poder público e também para a promoção de seus valores e de sua identidade. Tendo em vista a proximidade da notícia com o leitor, o veículo também se constitui numa alternativa para um local carente de informações, além de consolidar o papel da Universidade Potiguar a serviço da comunidade.

No que se refere ao preceito **social**, o jornal “Mural de Bairros” se caracteriza como instrumento de mobilização social, verdadeiro porta-voz das necessidades, anseios e expectativas dos moradores. Por outro lado, coloca o aluno em contato com a realidade social comum à cidade em que certamente irá atuar como profissional, despertando a consciência dele para o papel social de sua atuação como jornalista. Esse exercício estará caracterizado durante a captação das informações para a produção das matérias, bem como no período de afixação dos murais nos pontos prospectados para a sua veiculação.

METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

O jornal-laboratório se arroga a qualidade de poder ser o palco de encontro de diversos saberes. Um espaço onde eles podem se comunicar para permitir maior extensão e profundidade na busca de soluções para os dilemas naturalmente evocados no confronto do estudante com problemas reais e concretos. O resultado dessa atividade que direciona o conflito teoria/dia-a-dia-da-redação para objetivos amplos e integralizantes é um benefício palpável para a comunidade.

Esse projeto é realizado no âmbito da disciplina Jornal Mural Impresso (alunos da 2º ano, 1º e 2º semestres consecutivamente) com 3h/a semanais. Para as fases de reconhecimento do bairro, coleta de informações e distribuição dos jornais, são dedicadas horas extra sala de aula. Do reconhecimento do bairro até o envio dos jornais à gráfica, decorrem nove semanas. Tempo necessário para que haja simultaneamente as discussões necessárias sobre todas as fases da edição.

A primeira etapa consiste em realizar o reconhecimento das necessidades, peculiaridades e potencialidades de cada bairro. Essa fase deverá ser cumprida atendendo às diretrizes básicas estabelecidas pelo curso, de um trabalho conjunto entre as disciplinas técnicas e teóricas do currículo básico. Com base nesse reconhecimento, são formuladas pautas e planejadas entrevistas ou coberturas jornalísticas quando a necessidade assim o exigir. Em seguida é feita a apuração das informações pelos alunos junto às fontes. Os alunos do 1º semestre poderão produzir fotos para serem utilizadas nos jornais, mesmo que falem os conhecimentos teóricos e técnicos da prática de fotojornalismo. Já os do 2º semestre o fazem obrigatoriamente em articulação com a disciplina Fotojornalismo. Na Redação, essas informações são transformadas em textos que serão revisados pelos professores e devolvidos aos repórteres para as correções e redação final dos textos. A partir daí, começa o planejamento visual da edição eletrônica, levando em conta a hierarquização das notícias e a valorização do projeto gráfico previamente definido. Nessa fase é feita a digitalização das fotos e a diagramação. Terminada essa etapa, faz-se uma impressão dos murais para revisão gráfica e também textual. Em seguida, é feita uma impressão final, gerados os arquivos eletrônicos em conformidade com os padrões de trabalho da gráfica que receberá todos os murais e documentos vinculados armazenamento em CDs.

Distribuição - É realizada imediatamente à chegada dos exemplares da gráfica. Os grupos, em média de oito alunos, responsáveis por cada bairro se encarregam de afixar 50 murais em pontos estratégicos, verificadas as condições de visibilidade, facilidade de acesso e grande

fluxo de pessoas. Também são levadas em consideração circunstâncias como dias de feira, festas do bairro entre outras. Nesse momento, destacam-se as interações entre os moradores e os repórteres, que percebem as primeiras repercussões de seu trabalho. Comentários, críticas, sugestões, elogios, indicações de pautas, reclamações contra o poder público são algumas das manifestações da comunidade trazidas para a Redação e que vão servir como subsídios para as discussões sobre responsabilidade social, compromisso ético, domínio das técnicas e das teorias que fundamentam o Jornalismo e sobretudo sobre a agenda de interesses de cada comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do projeto do jornal “Mural de Bairros” partiu, primeiramente, de reflexões com base na experiência vivida durante as aulas ministradas pelos professores Maria Cristina Pavarini e Marcone Maffezzolli para os alunos do segundo ano de Jornalismo nas disciplinas Jornalismo Impresso I e II. No ano de 2003, assumiu a disciplina, juntamente com o Professor Marcone Maffezzolli, a Professora Isabel Carvalho, ciente da responsabilidade de orientar e conduzir os alunos na produção de um jornalismo comunitário. Como instrumento de cidadania, a comunicação comunitária possibilita desvelar uma realidade quase sempre ofuscada pela grande imprensa. O “Mural de Bairros” vem revelando, durante esses quatro anos, o outro lado desses atores sociais que não corresponde ao dos marginalizados, que freqüentemente acaba reforçando o estereótipo de que o pobre e preto é sempre assassino ou ladrão.

Dessa forma, acreditamos que não bastam para o aluno a teoria e os exercícios de texto em sala de aula. O fazer jornalístico exige, nos dias de hoje, ainda nos bancos universitários, trabalhos produzidos pelos alunos com fatos reais e não apenas os simulados.

Foi a partir da leitura do texto *Reflexões sobre o ensino de Jornalismo*⁸, escrito pelo Professor Dirceu Fernandes Lopes⁹, no qual ele traz a experiência da prática do jornalismo pelos alunos da UniSantos (Universidade Católica de Santos), com veículos laboratoriais impressos, que nasceu o projeto experimental “Mural de Bairros”.

A escolha do mural como projeto laboratorial do segundo ano de Jornalismo da UnP – (Universidade Potiguar) foi, portanto, fundamentada na experiência vivida pela UniSantos. Entendemos também que estamos abrindo um espaço, para que o aluno possa refletir sobre a importância desse veículo para as pessoas que moram, visitam ou trabalham no bairro, ao mesmo tempo que possibilitam a ele o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico** – teoria e prática da diagramação. 2.ed. São Paulo: Summus, 2000.

DESMOND, Robert W. **La formation profesional de los periodistas**. Paris: M. Blondin, 1949. (Prensa, cine y radio en el mundo de hoy. Estudios monográficos de la Unesco).

⁸ Lopes, Dirceu Fernandes. Reflexões sobre o ensino de Jornalismo. Da teoria à prática, a importância de resgatar as iniciativas pioneiras e a força de um modelo além das expectativas. Leopodianum Especial. Santos, Ano I, novembro, 1998, nº 3, páginas 145-162.

⁹ Dirceu Fernandes Lopes é jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, chefe do Departamento de Jornalismo e professor da Faculdade de Comunicação da UniSantos e da ECA/USP.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de Jornalismo.** Da teoria à prática, a importância de resgatar as iniciativas pioneiras e a força de um modelo além das expectativas. Leopoldianum Especial. Santos, Ano I, nº 3, novembro, 1988. p. 145-162.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório:** do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989. Coleção Novas buscas em Comunicação.

MAFFEZZOLLI, Marccone de O. **A prática laboratorial do Jornalismo Impresso no Curso de Comunicação Social/UFRN:** da crise de compreensão à de implantação. 2000. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). UFRN.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.